

CORPO E INCONSCIENTE



POR JOSÉ F. MIGUEL H. BAIRRÃO*

Em contextos de divulgação das teses psicanalíticas que seguem a orientação lacaniana há, por vezes, uma tendência a passar por alto a articulação entre corpo e inconsciente. Mas independentemente das boas intenções que possam presidir à oferta de facilidades na assimilação daquelas, a mera justaposição de uma ordem do significante e do inconsciente a uma esfera do corpo e da pulsão tende a falsificar as idéias do psicanalista francês, facilitando críticas, involuntariamente mal fundadas, por parte de estudiosos e praticantes da psicanálise mais exigentes.

Por esta razão, e em benefício de uma explicitação do modo como o problema da vinculação entre o corpo e o inconsciente - mais precisamente, a pulsão e o significante - verdadeiramente se formulam em Lacan, sublinham-se breve e claramente, na forma de um encadeamento de teses, momentos do seu pensamento que permitem resgatar as suas idéias a este respeito.

Para isso pressupõe-se alguma familiaridade com a psicanálise e o seu léxico, pois é impossível abordar o assunto sem ser remetido a outros termos “técnicos” lacanianos, igualmente importantes e que também podem suscitar mal entendidos. Porém, em função da finalidade deste trabalho e do modo (conciso e preciso) como se pretende desenvolvê-lo, estes permanecem à meia-luz. Embora o seu emprego em alguma medida propicie uma sua implícita elucidação, desde já se pede a compreensão do leitor para as passagens em que, um tanto quanto abruptamente, apareçam nas teses que se seguem.

Ei-las:

1. *A noção de inconsciente está no âmago da renovação da reflexão sobre o sujeito feita a partir da psicanálise.*

Tanto “inconsciente” como “corpo” são noções que se vinculam essencialmente pelo fato de serem vestíbulos do tratamento do que realmente, teórica e clinicamente, importava para Lacan: o sujeito (abordado de uma maneira que qualificaria de materialista).

Em célebre passagem dos *Écrits*, Lacan afirma que ao longo da sua obra sempre buscou dar conta do sujeito (1966, 67). Numa época em que este está fora de moda na filosofia, é ao mesmo tempo intrigante e estimulante que se faça tão presente na psicanálise.

2. *A reelaboração da concepção de sujeito imposta pelo inconsciente leva a uma ruptura (epistemológica) entre a psicanálise e a psicologia.*

Tal como em Freud, inicialmente o termo “inconsciente” é tratado na acepção de “representação inconsciente”, inclusive capaz de orientar o sujeito para metas desiderativas.

Assim posto, o conceito incomoda o psiquiatra Lacan, encantado com a fenomenologia e empenhado em fundamentar uma psicologia concreta. Critica-o, pela contradição que lhe seria inerente (representação inconsciente!), mas se rende à psicanálise por não ter como salvar a psicologia, substituindo-o. A partir de então, as críticas que desde sempre dirigiu à segunda deixam de se restringir à sua parcela não embasada na fenomenologia, generalizando-se.

Desencantado com uma mal sucedida tentativa de fundamentar epistemologicamente a psicologia (nos termos das exigências fenomenológicas), Lacan afirma-se psicanalista, numa acepção que disjunta substantivamente esta prática de qualquer ciência psicológica (BAIRRÃO, 2000).

3. A irredutibilidade do inconsciente impõe que se admita que algo se diz à revelia da consciência e das intenções das pessoas. Esse algo deve ser reconhecido como pensamento.

A admissão de um pensar à revelia da consciência leva à necessidade de refletir sobre o sujeito desse pensar, e é este o pano de fundo da elaboração teórica lacaniana sobre o inconsciente.

O sujeito vai ser descoberto e (ou) construído onde menos se o suspeitaria.

O ato da enunciação restitui ao âmbito do símbolo o que parecia “coisa” sofrida, refaz em palavra o sofrido sentido que previamente se havia perdido. Este processo, pela incompletude do pensado, em parte é resgate, em parte é constituição do inconsciente enquanto “habitat” do sujeito.

Lacan falará em um pensamento que não se sabe saber¹. Um saber inconsciente por sequer se reconhecer linguagem, nem se saber que coisa refere. Perdido o fio da sua enunciação, tende a sugerir-se fato objetivamente “sofrido” pelo sujeito, sem sinais aparentes do seu valor signico.

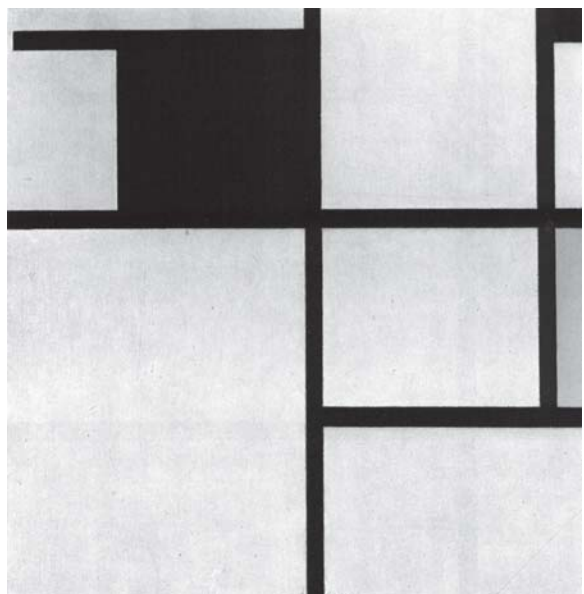
Enfim, saber sem saber, o inconsciente afigura-se pensamento sem pensador. O papel do analista será menos resgatar o sentido da “coisa” inconsciente, do que testemunhar em ato o seu enunciante.

4. Por razões epistemológicas (não empíricas), Lacan vai tomar a linguagem como a única base possível para o equacionamento concreto do inconsciente.

Não é por algum tipo de evidência empírica que Lacan postula haver um isomorfismo entre o inconsciente e a linguagem. O seu exame crítico das possibilidades de fundação de uma psicologia concreta levará-o a uma negação de toda e qualquer possibilidade de ir além da linguagem, acedendo a um eventual objeto “inconscientemente representado”. O que se encontram são as formas lingüísticas assinaladoras da sua falta. Quando aquele se faria presente, estas falham.

É por isso que o inconsciente é parte do discurso em falta (LACAN, 1966, 258). É parte faltante da cadeia significante efetivamente proferida. E como o saber é feito (efeito², “façanha”) de significantes, o inconsciente, parcela da cadeia em falta, é saber despossuído. É sempre um “por dizer”, enquanto “não dito”. Melhor, um “dito que não”, um implícito que, ao explicitar-se, revela-se rastro ou casca vazia de algo que já está noutro lugar, e com a peculiaridade de que aquilo que afirmaria ser altamente revelador de um sentido verdadeiro do sujeito (BAIRRÃO, 1996).

5. O sujeito e o inconsciente travam-se no mesmo lugar. Pois, parte em falta do discurso, o



Piet Mondrian. Composição. - 1923

¹ ... há um pensamento que é saber sem o saber (LACAN, seminário inédito, 10-6-65).

² Trata-se no saber daquilo que podemos chamar efeito de significante (LACAN, Ornicar 14, 5).

segundo cifra constitutivamente o primeiro.

O que importa para a psicanálise, na aproximação do inconsciente à linguagem, não é a matéria lingüística, mas o sujeito (não psicológico) suposto ao ato enunciativo.

Fundamentalmente, a parcela do discurso em falta não é uma qualquer. Sempre se trata de um momento do enunciado que se vincula medularmente ao verdadeiro do sujeito (BAIRRÃO, 1996). Como explicitá-lo o “objetivaria”, isso só é possível quando este já se encontra (deslocou-se ou se constituiu) em outra posição (semântica), isto é, quando pode falar disso que ainda não se sabe ser, ou já se reconhece ter sido...

Portanto, em última análise, o que falta é uma garantia do sujeito.

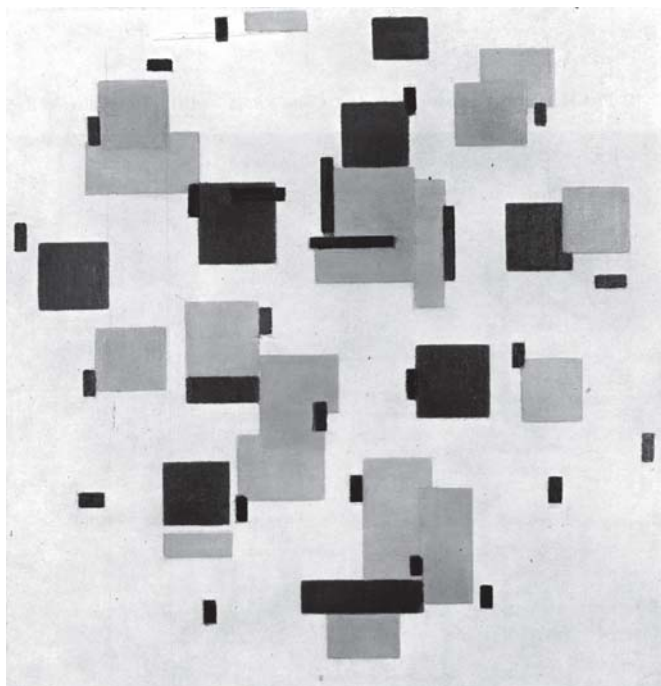
Logo, posto em questão, no ato de não (se) saber, o sujeito a um só tempo se presentifica e se perde. Surge perdido de si.

Sem sentido que urge a significar, o inconsciente instaura o sujeito, na medida em que o interpela, na forma de enigma relativo a si.

6. Interpretar o inconsciente equivale a decifrar o sujeito³.

Interpretar o inconsciente pressupõe uma possível posição do sujeito, ou, melhor dizendo, um sentido capturável da orientação em que este se situa em relação à falta (de objeto). Mas esse sentido está em parte nenhuma antes do saber (enquanto ato feito de significantes) testemunhado por uma escuta que o recolha, e, portanto, a decifração do sujeito, paralelamente, é a sua construção.

O dito em falta situá-lo-ia. Não dito, apresenta-se sujeito, faltante. Objetivamente enunciado, suprime-se enquanto sujeito - condição que leva Lacan a referir o inconsciente como um “dito-que-não” (Lacan, 1973, 122).



Piet Mondrian. Composição em Azul B. - 1917

7. Privilegiar a noção de significante, em detrimento da de signo, permite que se acentue a idéia do sentido como produção, e não como um significado estanque, objetivante.

O significante não é coisa, ou melhor, é qualquer coisa ou forma que em ato desencadeie o significar, prévio a quaisquer (e mutáveis) significações.

Em vez do signo como representante de uma coisa para alguém, uma vez o objeto desconhecido e o sujeito à deriva, a única coisa garantida é alguma instância enunciante, um enunciador (BAIRRÃO, 1996). Não é à toa que Lacan se supõe (à sua maneira) cartesiano: ainda que perdido de si e desconhecedor do que pensa, o sujeito depõe-se no ato de enunciar, implicador e instaurador de um pensador, não obstante a opacidade do pensado.

Ao rever a análise lingüística do signo - em prol de um (psicanalítico) redimensionamento do papel do significante - Lacan sublinha o processo de produzir significações, e não a representação de uma

coisa transdiscursiva como produto. O que acrescenta ou subverte na concepção lingüística de signo reporta-se “apenas” a esta dimensão epistemológica.

Apesar das evidências em contrário, Lacan presume não entrar no mérito do conceito lingüístico de signo (uma ilusão necessária, “desejada”), que supostamente seria admissível desde que a (sua) crítica, epistemológica e psicanalítica, não tivesse descartado a infundada suposição de os termos se referirem não equivocadamente às coisas imediatamente significadas.

8. Ao contrário do que levaria a crer um certo lacanismo, é errônea a concepção de que, em Lacan, o simbólico sobrepuje e esteja pouco associado ou mesmo dissociado do pulsional e do corpóreo,

³ ... o inconsciente é um saber do qual o sujeito pode se decifrar. É a definição do sujeito que aqui eu dou. Do sujeito tal como o constitui o inconsciente (LACAN, seminário inédito, 13-11-73).

correndo meio que em paralelo com ele.

Contra críticos e epígonos, que erroneamente lhe atribuem teses que não endossa, Lacan recusa-se a pôr de um lado o significante, o Outro, o desejo, o pensamento e o inconsciente, e do outro o corpo, o real, a pulsão e o gozo. Isto não se fundamenta no autor⁴.

Há o risco de imputar ao lacanismo um abstracionismo formalizante, que resolva o palpitante da vida carnal e psíquica em cálculos lógicos e figuras topológicas. O analista o nega, declarando que visa pensar e descrever o imediato da matéria orgânica, o corpo vivo (Lacan, 1975, 26).

Não obstante, frequentemente a noção de significante tende a ser pensada em abstrato, como incorpórea, o que é absurdo e sacrificaria a acepção de sentido como sensação, sentimento, afeto (a ambigüidade do termo “sentido”, entre sensação e significação, é valiosa por precisar o pulsional).

9. *Para Lacan, o corpo é o real lugar do Outro.*

O Outro, lugar da significância, não existe em abstrato, desencarnado.

De um lado a espacialidade, a extensão, é o próprio universo significativo — e, portanto, supõe o inconsciente:

O espaço parece bem fazer parte do inconsciente — estruturado como uma linguagem (LACAN, 1975, 122).

De outro, como os traços que se constituem em sistema significativo fazem sentido por se desdobrarem de cortes na superfície corpórea em que se assinalam as pulsões, o Outro não se constitui como independente do corpo:

... o corpo faz-se leito do Outro pela operação do significante (LACAN, Scilicet 1, 58).

Lacan claramente vai identificar o corpo com o lugar concreto em que a estrutura é. Precisamente, vai fazer coincidir o corpo com a borda (real) do espaço em que os elementos da estrutura topologicamente calculáveis, os significantes, se inscrevem:

O corpo, a tomar-se a sério, é em primeiro lugar o que pode carregar a marca própria a alinhá-lo numa cadeia de significantes (LACAN, Scilicet 2/3, 61).

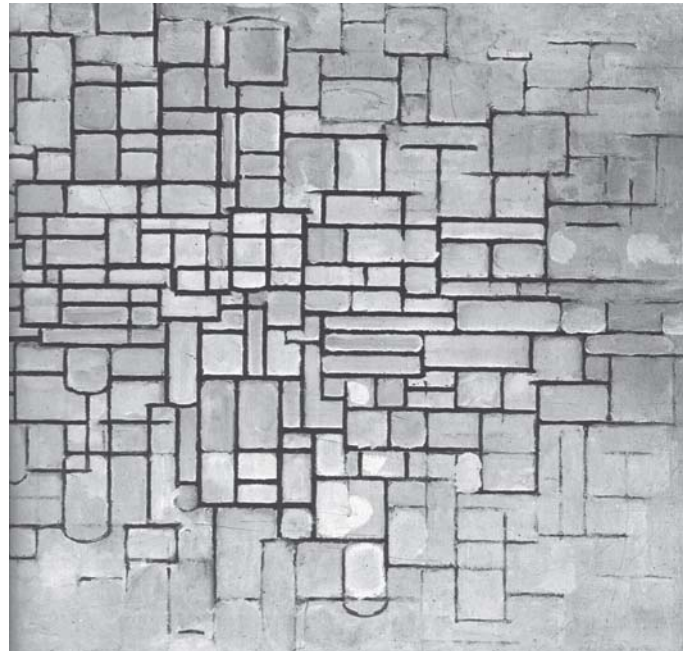
Psicanaliticamente, um significante é um corte (na acepção polissêmica de “rasgo”) num contínuo imagético inefável — seja de ordem sonora, visual, ou outras —, contínuo unicamente capturável já dilacerado, traçado e retraçado, como sucessão descontínua de (outros) cortes e recortes.

Mas subjacente a cada corte, na impossibilidade da integralidade da coisa, o que se representa é o sujeito (o qual, em “si mesmo”, já “é” repartido).

10. *O Outro, “tesouro do significante”, fundamentalmente guarda lugares-tenentes do sujeito.*

Um corte é um furo não dado desde sempre. É a feitura de uma falta, falta feita com a palavra que, composto de elementos discretos, intrinsecamente secciona.

Desta operação surge o traço, a linha do corte, que dá o contorno negativo do que falta.



Piet Mondrian. *Composição em Azul, Cinza e Rosa.* - 1913

⁴ A rejeição do corpo para fora do pensamento é a grande *Verwerfung* de Descartes (LACAN, seminário inédito, 10-1-68). Noutro momento da obra a mesma tese é enunciada por outro ângulo: Longe de ser distinto dela, como o supunha Descartes, o pensamento nada mais é do que a extensão (LACAN, *Ornicar* 4, 101).

Logo, o traço é recolhido do mundo, não como fragmento de um esquema das coisas, mas como marca da forma da sua falta. Corte e traço são o avesso e o direito um do outro: falar em corte é supor o traço, perceber o traço é admitir o corte (BAIRRÃO, 1996).

Portanto, o significante, em sua materialidade, resume-se a como que um decalque do contorno da falta, que, menos do que negativo da coisa perdida, é traço “instanciador” do sujeito que se apresenta faltante (isto é, desejan-te).

11. *O significante, lugar-tenente do sujeito no Outro, espacializa-se em letra, consistindo em escritura, outorgadora de um corpo a um sujeito.*

É situado no corpo que o significante se faz letra, borda⁵, em limites e confins corpóreos, “cortes”, que enunciam o ser subjetivo.

Tudo o que se possa falar do representante do sujeito (falar dele e a partir dele), tudo o que seja ou esteja inconsciente, deve admitir uma correlação corporal, sequer admissível como paralelismo⁶: o fato do sujeito há de ser pensado pela inscrição da palavra como escritura. Poder-se-ia dizer, pela “realização simbólica” que o corpo é. Escritura que, ao dar vida à palavra, dá corpo ao sujeito.

O simbólico “incorpora-se”, de uma massa viva fazendo um corpo⁷. Tese a apreender em duas direções compatíveis e concomitantes: a estrutura encarna-se no corpo e literaliza-se como corpo⁸.

Numa terminologia unificante e mais exata, de índole jurídica — terminologia que parece convir mais à psicanálise do que a inerente a um balbucio epistêmico, positivamente condenado a não sobreviver —, a escritura outorga o corpo (pois a escritura não deve confundir-se com uma datilografia qualquer, devendo levar-se em conta o sentido que o termo recebe na esfera, jurídica, de estabelecimento de contratos entre os homens, bem como a natureza viva do corpo que é o papiro).

12. *Os limites da significação indicam posições limites no corpo. É aí que, realmente, “coincidem” corpo e sujeito — a pulsão.*

Para Lacan, o conceito psicanalítico de pulsão atende à necessidade de pensar o mais medular da realidade subjetiva como significante (inconsciente) e corpo. O corpo faz-se objeto (para a visão, para o tato, etc.), mas originariamente é sujeito.

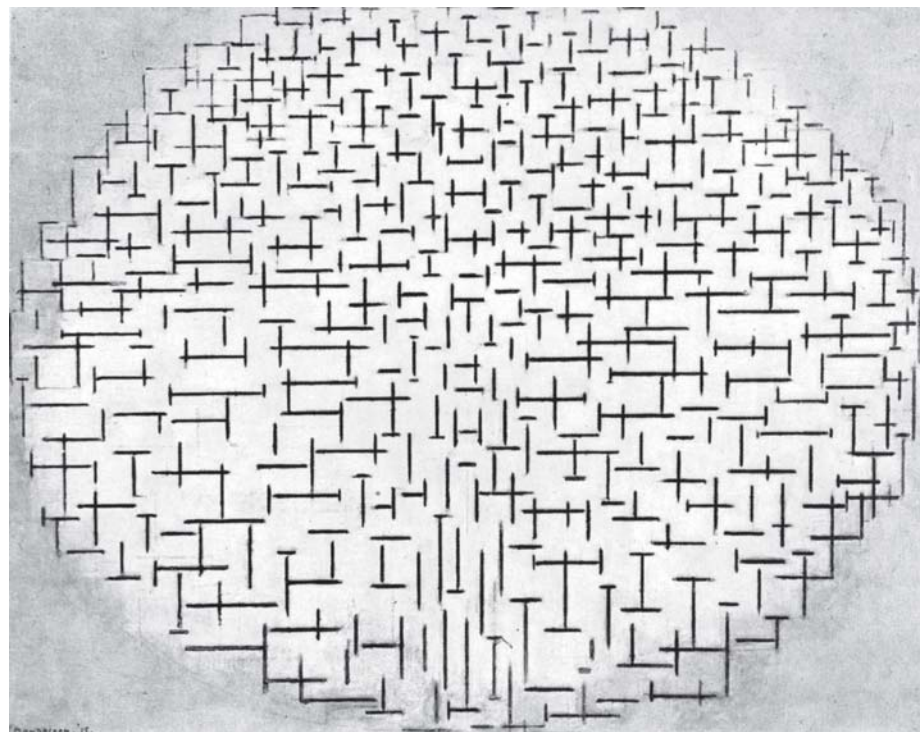
O significante, lugar-tenente do “eu”, enuncia-se do corpo. Radicalmente, a

⁵ ... o que encontro de melhor para vos situar a função do escrito... define-se antes de tudo por uma certa função, por um lugar de borda (LACAN, seminário inédito, 9-4-74).

⁶ ... esta maneira de fazer a cadeia nos interroga sobre isto, que o real, muito especialmente, suspende-se do corpo (LACAN, *Ornicar* 15, 8).

⁷ *Volto em primeiro lugar ao corpo do simbólico, que é necessário não entender como metáfora. Prova-o que somente ele isola o corpo, tomado em sentido ingênuo, seja aquele em que o ser que nele se apóia não sabe que é a linguagem que lho outorga, ao ponto que ele não seria, na falta de dele poder falar. O primeiro corpo faz o segundo ao aí se incorporar* (LACAN, *Scilicet* 2/3, 60).

⁸ *A estrutura apanha-se de lá. De lá, quer dizer, do ponto em que o simbólico toma corpo* (LACAN, *Scilicet* 2/3, 60).



Piet Mondrian. *Composição nº10, Dique e Oceano* - 1915

pulsão (e portanto o corpo) é o sujeito - dizer “precipitador” de ditos, mas, realmente, irreduzível a qualquer um deles, inefável.

A idéia freudiana de pulsão como conceito limite entre o somático e o psíquico, já é um prenúncio do que se seguiria com Lacan. No limite, supera-se a dicotomia entre matéria e espírito.

13. *Sincronicamente, como espaço, letra, o significante é corpo.*

Graças à noção de pulsão, a espacialidade não mais precisa ser tratada nem abstrata nem objetivamente.

Enquanto ordem da significância literalmente feita real, a espacialidade concretiza-se e “subjetiva-se” em corpo:

...o espaço não é uma idéia, o espaço é alguma coisa que tem uma certa relação, não com o espírito, mas com o olho (LACAN, seminário inédito, 22-5-63).

Pois afinal espírito é um conceito “metafísico”. “Desencarnado” da experiência, psicanaliticamente, é uma impropriedade, ao contrário do olho, instância corpórea amiudemente realmente presentativa do sujeito.

Logo, o acesso ao mundo⁹ não se encontra pelo estudo das leis objetivas da ótica, e sim pelas subjetivas do olhar¹⁰.

As dimensões do espaço são o espraiamento imaginário e simbólico do real corporal na ordem do ver,

... ao nível do olho, que é também o do espaço, não do espaço que interrogamos sob a forma de uma categoria de uma estética transcendental estabelecida, ainda que seguramente a referência ao que Kant trouxe sobre este terreno nos seja muito útil, pelo menos muito cômoda, mas no que para nós o espaço apresenta de característico na sua relação ao desejo (LACAN, seminário inédito, 22-5-63).

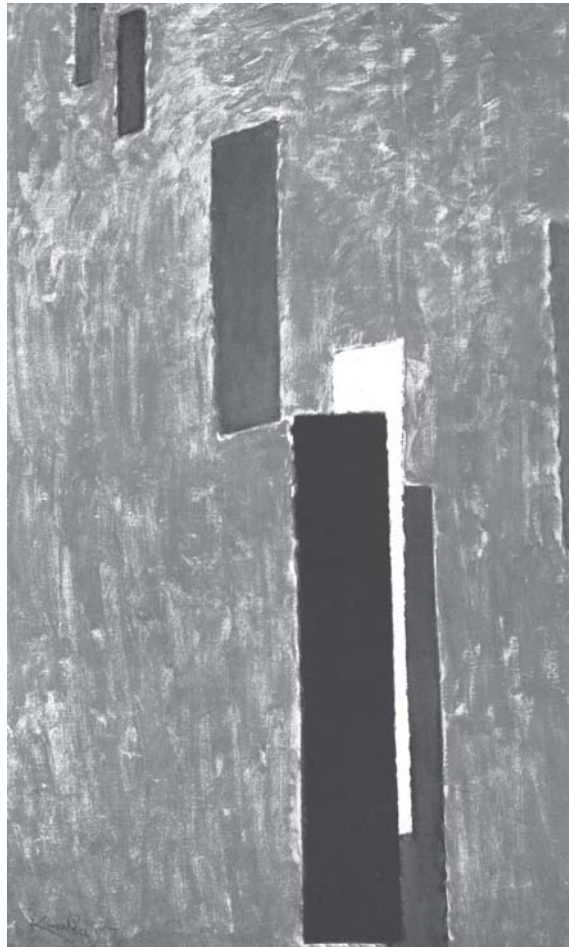
Ou seja, importa menos a referência ao espaço moldado segundo necessidades epistemológicas (e, portanto, as implícitas referências à estética kantiana), do que a vacuidade essencial inerente aos objetos, não na sua dimensão de dados a conhecer, mas como isca apetecível do desejo.

Isto é, na ordem das coisas, a psicanálise toma o partido do fundo de vazio que as suporta, eliciador do desejo, e não a ilusão de uma consistência substancial, gulosamente oferecida a um gosto epistêmico saciado e impessoal.

14. *Na ordem do tempo, real e diacronicamente “in-corporado”, o significante é voz;*

A voz é corpo sutil, matéria corpórea e matéria simbólica (enunciado, significante). É corpo “significatizado” ou significante corporificado em ato enunciativo. Este momento de criação, produção, uma vez enunciado já dito, realidade “vista”, “escrito”, já é passado (e portanto matriz, circunstância, herança de futuro). Mas antes, na voz “toca-se” o ato de dizer.

Note-se que não se trata da anterioridade cronológica da fala à escrita. A antecedência em pauta é lógica e da ordem da enunciação, “corporificada” em voz (mas que, pelo menos em tese, também se poderia concretizar em outros atos corporais



Frank Kupka. Planos Verticais I - 1912

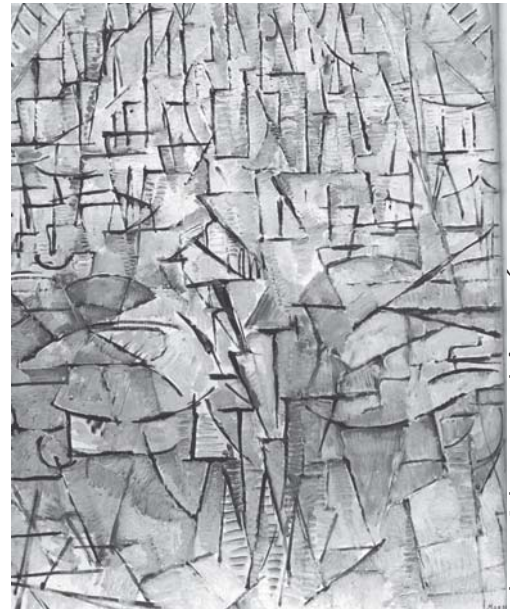
⁹... o qual mundo é apenas um sonho de cada corpo (LACAN, L'Âne 3, 3).

¹⁰ Não obstante o cálculo significante das primeiras não ser isento de conseqüências quanto ao posicionamento e construção do inatural sujeito, calculado perante o mundo como dentro do corpo: A ótica é pois essencial a esta imaginação do sujeito como alguma coisa que está em um interior (LACAN, seminário inédito, 30-4-69).

que possam tomar a forma de dizeres, como “escrever”, “desenhar”, “dançar”, etc.)¹¹. Pois mesmo que a fala não se consubstancie em substância fonética, recorrendo-se a qualquer outro suporte de emissão significante, a forma do ato enunciativo decalca-se da estrutura pulsional do vocal.

Enquanto corpo, da ordem do espaço, o corpo é escritura. Mas enquanto corpo-sujeito depende da enunciação. Depende, em princípio, de Outro que o nomeie.

A composição do eu na forma da unificação de uma imagem corporal é atribuição do Outro. É em ato (discursivo) que as letras se “ligam”:



Piet Mondrian. Composição n.º 3, Árvores - 1912

... a escritura é conotação significante, ... a palavra não a cria tanto quanto a liga...
(LACAN, seminário inédito, 17-1-62).

A palavra falada liga a escrita, que (redundante e literalmente) é co-notação significante, sem prioridades ou privilégios entre ambas. Tão somente funções específicas, no quadro das quais o sujeito, como ator, (agente) agido pelo significante, vai fazer-se originariamente pela enunciação. A dimensão da sincronia pode ser vista como perduração “cristalizada” de tempo (lógico) enunciativo.

15. *A construção espaço-temporal de uma realidade pressupõe um tempo da enunciação. Isto é: um tempo da palavra, dotada do poder de instar e instalar até um estado de coisas, mas precipuamente um estar sujeito.*

Esta tese desdobra-se em duas, requerendo que se proceda ao seu comentário por partes:

I. *Um tempo (sincrônico) da palavra, dotada do poder de instar e instalar até um estado de coisas:*

Não basta dizer que o significante, determinante constituinte e determinado pelo sujeito, sujeito imanente e transcendente ao simbólico, se constitui pelo seccionamento por parte do significante, em termos discretos, da duração real. E paradoxalmente em termos do esforço para o estabelecimento de totalidades cujas demarcações tomam como divisórias linhas que, se casualmente são oferecidas pela disposição do traçado do imaginário, já são significadas de dentro do simbólico.

É necessário poder indicar onde no real do sujeito se “encarnam” tais linhas. E obviamente tal lugar só pode ser o corpo.

Os significantes devidamente “ex-corporados” na enunciação, não podem partir senão do próprio corpo.

Não o corpo tomado passivamente como objeto, como coisa, mas o corpo-sujeito. Sujeito ao significante e sujeito do significante. Como tal, corpo-sujeito “enformado” pela Palavra¹².

II *Um tempo (diacrônico) da palavra, dotada do poder de instar e instalar precipuamente um estar sujeito:*

Posto que o significante, psicanaliticamente entendido, se constitui na arquitetura da realidade humana e é determinante da subjetividade, não há como não apreender

¹¹ Não estão em pauta as relações entre a oralidade e a escrita, e muito menos um pretensão privilégio da primeira sobre a segunda, na ordem do dizer: ...a escritura, longe de ser transcrição, é um outro sistema, um sistema no qual eventualmente se engancha o que se recorta em outro suporte, o da voz (LACAN, seminário inédito, 14-5-69).

¹² Conforme, aliás, se evidencia no fato de, subjacentes a alterações do funcionamento biológico, se encontrarem determinações significantes: Digo que é na medida em que o recalcado é um significante que este ciclo de comportamento real se apresenta no seu lugar (LACAN, seminário inédito, 13-12-61).

a circunvezida significante como acontecimento diacrônico.

Encontra-se com isso, a levar se a análise “literalmente” a sério, a necessidade de equacionar a representificação do passado. E com ela, o tempo.

Note-se que não se cuida de um detalhe adendado à abordagem do signo por preocupações estritamente psicanalíticas e, portanto, de um aspecto relativamente externo ao problema tratado. A questão do tempo é inerente à estrutura, quer dizer, à arquitetura sgnica:

Por que o significante em sua encarnação corporal, quer dizer, vocal, sempre se nos apresentou como em essência descontínuo? Não tínhamos, pois, necessidade da superfície: a descontinuidade o constitui. A interrupção no sucessivo faz parte de sua estrutura (LACAN, seminário inédito, 16-5-62).

Afinal, se a estrutura sincrônica do Outro, enquanto arquitetura lógica, constitui o espaço da realidade humana, desde que o sujeito não pode senão ignorar se ao se instalar em posição desencarnada, sobrepairante sobre a palavra que (o) diz, a perspectiva da sucessão significante no meandro discursivo remete à temporalidade¹³.

16. *De entre os sentidos, um em especial está destinado a transmutar uma massa viva em corpo como lugar de inscrição e de emissão da significância: aquele que se reporta à voz e à audição.*

A forma significante, por sua inscrição espacializadora do real em corpo, a este é “consustancial” graças à voz¹⁴.

É precisamente a “substância sonora”, do corpo indissociável na forma concreta da fala, que suporta o Outro, enquanto demarcação das formas do sistema de diferenças relativas que constitui os fonemas. É a voz que se estabelece como o ponto de emissão de um dizer que não apenas “consustancia” o Outro, como é consustancial ao ser sujeito e corpóreo:

Uma voz, portanto, não se assimila, mas ela se incorpora. Eis o que pode lhe proporcionar uma função de modelagem do nosso vazio (LACAN, seminário inédito, 5-6-63).

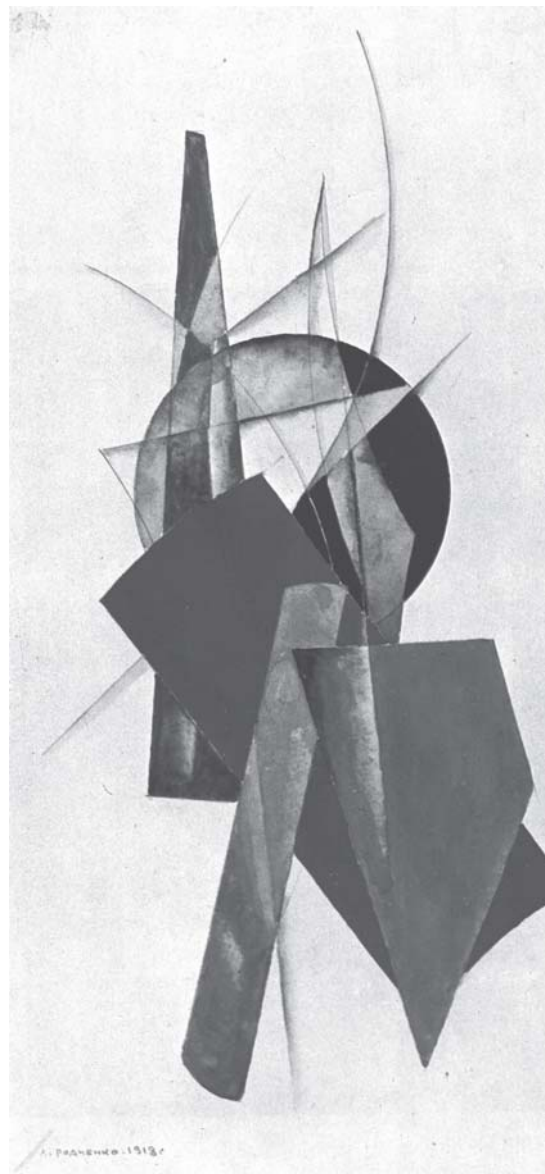
Incorporar, aqui tem uma tripla acepção: a de fazer corpo (“dar corpo a”), a de corporificar-se (presentificar-se sensorialmente) e a de concretizar na própria existência uma ordem significante (nas duas acepções de ordem: organização e mandamento) provinda do Outro.

Lacan põe em jogo um fator nem sempre devidamente ressaltado quando se apregoa a importância da palavra. Para haver superfícies — quer dizer, letras —, quem as costura há de ter sido costurado por esse peculiar dom da palavra, de apenas como tal vir a ser ao se incorporar no vazio que abre caminho ao sopro que, pela voz, está no ar e ressoa na cavidade auricular.

O corpo é artifício do significante, este esburacando as passagens abertas onde o sopro soa. O corpo é o lugar de inscrição em que da voz se faz a fala.

Todas as viagens apenas podem ser percorridas porque o corpo fala. Melhor, o corpo ressoa¹⁵. Todos os continentes, por metafóricos que sejam, são território da subjetividade (BAIRRÃO, 1996).

17. *É do corpo, portanto, que o inconsciente se dita.*



Alexandre Rodchenko. Composição Abstrata - 1918

¹³ *Temporalidade que se patenteia não apenas na necessidade de dispor sucessivamente os significantes, como também, muito importante, na importância do tempo da sua sucessão: Esta dimensão temporal do funcionamento da cadeia significante que inicialmente articulei como sucessão, tem como seqüência que a escansão introduz um elemento a mais que a divisão da interrupção modulatória... (LACAN, seminário inédito, 16-5-62).*

¹⁴ *... a forma de “a” que se chama voz (LACAN, seminário inédito, 22-5-63).*

¹⁵ *Por exemplo, ao modo da poesia: ...a poesia, a ressonância do corpo... (LACAN, Ornicar 17/18: 15).*

O inconsciente, parcela do enunciado em falta que revelaria o enunciante, diz e “diz-se” do corpo.

Uma vez constituído, corporificado, é enquanto corpo que sucede o sujeito da enunciação.

Corpo da significância, que não é o corpo espetáculo da anatomia, imaginário e inerte, nem o corpo objeto domesticado da educação física. Mas antes o “corpo-eu”, sujeito ao “espírito”, sensível ao sopro de outros corpos, “materialmente” sujeitado pelo simbólico e pulsar continente de todas as possibilidades de criação de significações.

Corpo suposto autor de sentidos e receptáculo de sensações. Outro propositor do inconsciente e corpo repositivo de outros sujeitos.

Wolfgang Schulze. Composição Azul - 1951



Referências Bibliográficas

- BAIRRÃO, J. F. M. H. (2000). “Aquém do princípio da psicanálise: Lacan crítico da psicologia”. *Olhar* n. 3, São Carlos, publicação do Centro de Educação e Ciências Humanas da UFSCar.
- BAIRRÃO, J. F. M. H. (1996). *O impossível sujeito: implicações do tratamento do inconsciente por Lacan*. Tese de doutoramento, Campinas, IFCH-UNICAMP.
- LACAN, J. *L'Acte psychanalytique* (seminário inédito, 1967-1968).
- LACAN, J. *L'Angoisse* (seminário inédito, 1962-1963).
- LACAN, J. (1966). *Écrits*. Paris, Éditions du Seuil.
- LACAN, J. (1975). *Encore*. Paris, Éditions du Seuil.
- LACAN, J. *L'Identification* (seminário inédito, 1961-1962).
- LACAN, J. (1974). “Improvisation: désir de mort, rêve et réveil”. *L'Âne* n. 3. Paris, Éditions du Seuil.
- LACAN, J. (1977). “L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre” (2ª. parte). *Ornicar* n. 14, Paris, Navarin.
- LACAN, J. (1978). “L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre” (3ª. parte). *Ornicar* n. 15, Paris, Navarin.
- LACAN, J. *Les non-dupes errent* (seminário inédito, 1973-1974).
- LACAN, J. *Problèmes cruciaux pour la psychanalyse* (seminário inédito, 1964-1965).
- LACAN, J. (1968). “De la psychanalyse dans ses rapports avec la réalité”. *Scilicet* n.1, Paris, Éditions du Seuil.
- LACAN, J. (1973). *Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse*. Paris, Éditions du Seuil.
- LACAN, J. (1970). “Radiophonie”. *Scilicet* n. 2/3, Paris, Éditions du Seuil.
- LACAN, J. (1975). “R.S.I.” (3ª. Parte). *Ornicar* n. 4, Paris, Navarin.
- LACAN, J. *D'un Autre à l'autre* (seminário inédito, 1968-1969).
- LACAN, J. (1978). “Vers un signifiant nouveau”. *Ornicar* n. 17/18, Paris, Navarin.